



## Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

### **INQUÉRITO PAROQUIAL DE 1842 - SANTA MARIA DE GUARDIZELA.**

(sem indicação de autor)

Ano: 1998 | Número: 108

---

#### **Como citar este documento:**

(sem indicação de autor), Inquérito paroquial de 1842 - Santa Maria de Guardizela.  
*Revista de Guimarães*, 108 Jan.-Dez. 1998, p. 333-353.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## Santa Maria de Guardizela

Guimarães — Inquérito paroquial de 1842

Revista de Guimarães, n.º 108, 1998, pp. 333-353

**1º** A posição desta freguesia é baixa, por estar situada em uma espécie de vale, ou pequena ribeira, que corre entre dois montes, da Senhora e de Santa Luzia, que correm de Norte a Sul em cadência, e por isso inclina um pouco para o Sul por esta razão e não avistam dela terrenos alguns, à exceção da Serra de Negrelos, que no Sul atravessa em pouca distância, correndo de Nascente a Poente, e para a parte do norte a Serra da Falperra, que, em distância de duas léguas, corre igualmente de Nascente a Poente. Dista da vila de Guimarães, uma grande légua, de Braga três, de Vila Nova de Famalicão duas e meia, do Porto seis, e de Penafiel quatro.

**2º** O clima é pouco regular, e sofre grandes alterações no calor e frio do ar, nos ventos e serenidade. No Inverno ordinariamente o frio chega a um grau muito subido e igualmente o calor no Estio. No Inverno e Primavera reinam muito os ventos do Poente, e ainda mais do Sul com chuvas e tempestades, que contudo não fazem outros estragos, além do arrancamento de alguma árvore, ou enxurrada nas sementeiras. Nas mesmas estações, e também no Estio, algumas trovoadas aparecem, ainda que não são muito ordinárias nem nesta freguesia tem feito estragos, e no Estio as que correm de Sul a Norte são úteis pela água que costumam derramar. Também no Outono, Inverno e Primavera há muitas névoas e orvalhos. No Inverno neve seca, ou geada muito húmida, ou chuvosa pouca, e muito raras vezes. Na Primavera é que ordinariamente cai alguma saraiva, mas raras vezes, e ainda mais raras tem feito algum estrago nas vides; pedras grandes são raríssimas.

Mais difícil é declarar o aspecto geral de cada uma das quadras do ano, contadas segundo se costumam contar, pois ainda que o Inverno é muito frio, e o Estio muito quente, e por consequência o Outono e a Primavera temperados e aprazíveis, não se verifica bem esta



temperatura, senão e apenas nos meses de Abril e Maio, Outubro e Novembro, sendo estes secos, e com poucos ventos, e aqueles mais húmidos e ventosos; o Inverno é ordinariamente muito chuvoso, e o Estio muito falto de chuvas.

**3º** A direcção desta freguesia é de Norte a Sul, e nesta direcção tem quase meia légua de comprimento, e de largura pouco mais de quarto de légua, em circuito terá légua e meia.

**4º** Confronta pelo Norte com a freguesia de Santa Cristina de Serzedelo, pelo Poente com a de S. Pedro de Riba d’Ave, pelo Sul com a de Santiago de Lordelo, pelo Nascente com a de S. Paio de Moreira de Cónegos e com a do Salvador de Gandarela.

**5º** Consta de onze lugares (se assim se pode chamar) e algumas casas dispersas com denominações particulares, e que vão no mapa incluídas, enumeradas nos lugares ou aldeias, a que estão mais próximas, por não poder ser de outra forma:

1º O Assento, assim chamado por ser onde está situada a igreja e residência do Pároco. § 2º O do Monte, por estar situado na ladeira do monte de Santa Luzia. § 3º O da Devesa, talvez assim chamado por terem havido naquele sítio devesas de carvalhos pois ainda que ali se tem cultivado bastante terreno, que era inculto, ainda na sua circunferência há abundância deles. § 4º O das Torres, não sei que em tempo algum ali houvesse torre alguma, mas como nas povoações onde as casas são quase todas térreas, costuma o vulgo chamar a alguma que é sobradada, casa da torre, e os moradores deste lugar são quase todos lavradores proprietários, pode ser que as casas fossem as primeiras sobradadas na freguesia, e daí lhe principiasse o nome de Torres. § 5º O de Cotiães igualmente se ignora a sua etimologia: no tempo dos dízimos pagava este lugar uma quota deles para o seu próprio pároco, e outra para o de Gandarela, também desta quota se derivaria Cotiães. § 6º O da Costeira, assim denominado por estar situado na costa de uma parte do Monte da Senhora. § 7º O de Pardelhas, não se sabe sua etimologia: (podem), se quiserem, pode ser por constar de dois nomes par-delas pois este lugar constava unicamente de duas casas e poderia em princípio começar-se a dizer, espanholadamente pardelhas pois que nos do Minho ainda hoje somos meio agalegados. § 8º O da Ribeira julgo que é chamado assim, por ficar num sítio baixo e perto da nascença de pequeno ribeiro, que corre pelo meio da freguesia em todo seu comprimento. § 9º O de Pereiras, há ali muito poucas pêras, mas poderiam havê-las em outros tempos, e daí lhe viria a denominação. § 10º O de Cima da Vila, não sei, nem consta que em tempo algum houvesse vila nestes lugares, e por isso



ignora-se a sua etimologia. § 11º O de Penso. Este lugar é muito seco, mas está circuitado de campinas, que dão muito centeio, painço e milho miúdo, e por consequência, muita palha, a que os lavradores chamam penso dos gados; talvez por isso começassem a chamar também à sua aldeia o lugar do penso.

**6º** Existem actualmente vivas nesta freguesia seiscentas pessoas (exceptuando as ausentes) de ambos os sexos e de todas as idades a saber: do sexo masculino 278 e do feminino 322.

Homens casados .....	97
Mulheres casadas .....	*102
Viúvos .....	15
Viúvas .....	20
Solteiros de menos de 30 anos	
Homens .....	158
Mulheres .....	157
Solteiros de mais de 30 anos	
Homens .....	8
Mulheres .....	43

\* porque cinco têm os maridos ausentes

Total 600

Não há neste freguesia lugar ou aldeia que por qualquer circunstância se faça digna de mencionar-se em particular.

**7º** Há nesta freguesia quadrúpedes domésticos; bois, vacas, vitelos, porcos ordinários, e pequenitos mesclados, que chamam da China, cabras, cabritos, cabrões, ovelhas, anhos, carneiros, coelhos mansos, cavalos, éguas, machos, mulas, jumentos, jumentas, cães podengos, galgos, coelheiras, e rafeiros, e finalmente gatos.

Quadrúpedes bravos: lebres, coelhos, raposas, texugos, martas, fuinhas e toirões.

Aves domésticas: perus, patos, gansos ordinários e do maranhão, galinhas, pintos, galos, capões, pombos, e também melros, e canários engaiolados.

Aves bravas, ou livres porque não conhecem dono, e que são contínuas nesta freguesia: perdizes, gaios, melros, pêtos, picaporcos, pica-peixes, torninhos, cotovias, boeiras, pardais, laverças, piscos, verdelhões, pimpalhões, cerezinos, pintarroxos, rouxinóis, francelhos (vulgo sapos leves) papafigos, poupas, felosas, atrepadeiras, toutinegras, e também carriças, chascos, e chincharravelhos.

Aves de arribação: galinholas, codornizes, rolas, andorinhas, pedreiros, pintassilgos, tordeias e cucos, todos estes aparecem na Primavera e desaparecem no Outono, sombrias vêm no Estio, vão no



Inverno; tordos, narcejas (vulgo cerizetas), corvos e gralhas aparecem no Outono e desaparecem na Primavera.

Aves nocturnas: corujas, noitibós, mochos e morcegos.

Reptéis terrestres: cobras, licranços, sapos, saramelas, sardões, sardonicos, raros, grilos, toupeiras, morcas, morcões, minhoca, ratos e doninhas. Aquáticos: sanguessugas e cabeçudos. Anfíbios: rãs, relas, cobras e ratazanas.

Peixes não há porque não há rio que os crie e sustente.

Insectos: morcas, mosquitos e moscardos, trombeteiros, abegões, vespas, abelhas, zangões, borboletas, mariposas, joaninhas voas voas, formigas, formigões, aranhas, centopeias, sapateiras, piolhos, pulgas, percevejos e carrapatos.

Vermes: caruncho, traça, gorgulho, vareja, caracóis, aguilhões. E muitos outros que se criam nas carnes e na terra, que se não distinguem com nome particular.

Vegetais: repolhos, sabóias, tronchudas, bróculos, couve galega, de penca, murciana, flor e nabos, melancias, melões, pepinos, espinafres, cebolas, abóboras, cabaças, favas e ervilhas, e coentros, morangos grandes e pequenos, salsa, tortulhos, alface, chicória, borragens.

Arbustos: ciprestes, alecrim do país e do Norte, pilriteiro, romãzeira de fruto e só de flor vermelha e dobrada, castanheiro do norte, que dá flor branca salpicada de vermelho e castanhas muito amargas, sabugueiro da Índia de flor branca e grande e de flor amarela pequena, roseira do Japão, de flor vermelha singela, e de flor mista de branco e vermelho, ambas muito dobradas, caneleira, jasmim do país e do Cabo da Boa Esperança, lágrimas de Job, barbena, alfazema, canas do país e da Índia, valverdes, murta, mortinhos e buxo e lilases.

Árvores silvestres: carvalhos ordinários e cerquinhos, sabugueiros, amieiros, choupos, pinheiros, bravos e mansos, sobreiros, loureiros, sabugueiros, chorões, vimeiros, espinheiros, azevinheiros, giestas, codessos, saganhos, trovisqueiros, hera, silvas e tojos.

Árvores frutíferas: castanheiros, macieiras, pereiras, pessegueiros, damasqueiros, limoeiro, doces e azedos, laranjeiras, idem, figueiras, nogueiras, cerdeiras, ameixoeiras, marmeleiros, oliveiras e vides.

Flores: cravos imperiais, berimbaus (sic), Guimarães de Santo Antonio e cravelinas: tudo vermelho e dobrado, anágua de Vénus, branco com rajadas vermelhas, roxos sem nome conhecido, amarelos, a que chamam pintassilgos, pintos sem nome particular e patifes, tudo



dobrado. Rosas vermelhas de Alexandria de Jericó, dobradas e singelas, de todo o ano, veludos, ambas pouco dobradas de musgo, toucadeiras e silva todas muito dobradas cor de vinho, que chamam Sangue de Cristo, muito singelas; amarelas só há de uma qualidade muito dobrada, e sem nome particular. Rajada de branco, e vermelho, e pouco dobrada, só uma, a que chamam rosa cravo. Flores de cebola, ou raiz. Ranúnculos vermelhos, tulipas, e tulipões amarelos, alfinetes e borboletas, peónias, vermelhas, coroa-de-rei, pavónias, malvas, raquéis, açucenas e íris, lírios, dália, margaridas, botões de ouro, papagaios, junquinhos, narcisos, chorões, vermelhos e amarelos, perpétuas amarelas.

Flores de semente: levantinas brancas, vermelhas e rajadas dobradas e singelas, cristas, boas-noites, picanarizes, cravos, girofles, sécias, dobradas e singelas, brancas, vermelhas, roxas e mistas, alfádega e manjeriço, que dão mais cheiro que flor branca e singela.

Ervas que servem de pastagem em gados: molar portuguesa e galega, castelhana, senradela, língua de ovelha, língua de vaca, bugalho, cardos, milhão, rabo de galo, lestras, chapetos azedos, saramagos, bichocodias, trevo, grama da terra, soajos, unha de gato, malmequeres, rabaça, junco, funça, fentos, fentas, a relíquia e outras cujo o nome se ignora.

Ervas medicinais: montrastos, hortelã, mourisca da sopa, e comum, hissopo malvas, malvasia, fel da terra, ópio, absinto, bardana, cidreira, ceruda, mostarda, cerbajão, marcela, salva, avenca, tremoços, mansos e bravos, leitugas, peitugas, urtigas, timbó, e erva molarinha. Muitas mais ervas medicinais poderá haver nesta freguesia, mas como nela não há pessoa alguma instruída em Botânica, nem por profissão, nem por curiosidade, e o facultativo que vem curar a ela tem tido muito pouco tempo para examinar as ervas medicinais que produz este terreno, e nem mesmo mesinheiro algum aqui há é a razão porque se não dá mais ampla notícia delas.

O terreno desta freguesia produz milho grosso, vulgo milhão, amarelo e branco, milho miúdo, painço, centeio, feijão, graúdo, branco, pardo e amarelo, feijão miúdo, fradinho e francês, tudo de boa qualidade, e linho muito ordinário, azeite pouco, mas bom, vinho de enforcado, e de ramadas, e alguns agriões, sofrível em alguns sítios melhor, mas pouco que seja bom, e o óptimo nenhum. Frutas já fica dito nas árvores frutíferas.

O alimento usual para os ricos é dos frutos acima ditos, carne de vaca e de porco, arroz, pão de trigo, pouco. Para os pobres é broa,



caldo de ervagens e feijão, e peixe sardinhas, e este mesmo é alimento ordinário dos lavradores, ainda proprietários.

Os pobres vestem pano de burel, saragoça e estopa. Os que podem melhor, de pano de lã, linho e algodão. Consumo: se por cada pessoa se calculasse meio alqueire de pão por semana, excederia muito o consumo à produção dos cereais, mas como esta freguesia abunda em pobres, dos quais a maior parte não consome a metade daquela quantidade, e além disso as crianças nos seus primeiros anos pouca broa comem, eu julgo que a produção dos cereais é muito maior quanto ao consumo, e ainda maior a do vinho, apesar de se beber bastante vinho do país, pois se exporta muito da freguesia em espécie, e algum em aguardente. Do azeite é muito maior o consumo que a produção. Para a pesca, não há rio, e a caça do monte é muito pouca, mas livre, e não há terras privilegiadas para ela.

Também não há minas metálicas, nem de carvão, nem tão pouco indícios delas, há sim abundância de pedra de galho, grossa e dura, da qual a maior parte só se quebra a fogo; assim mesmo dela se tem feito, e vão fazendo muitas casas, paredes, e canos subterrâneos para enxugar as terras pantanosas; e não sei qual de todos estes objectos se possa tirar outra utilidade.

**8º** Esta freguesia até 1834 era do termo de Barcelos, comarca de Viana, depois do estabelecimento dos concelhos e julgados, ficou pertencendo a Vila Nova de Famalicão, e alguns anos a requerimento dos moradores dela, foi unida ao concelho e comarca de Guimarães, por lhe ficar esta vila muito mais próxima que a de Vila Nova.

Antigamente era da autoridade militar superior, o General de Viana, que alguns anos antes de 1834 se mudou para Braga, e autoridade subalterna na 2ª linha, o Coronel do Regimento de Braga, e na 3ª linha, o capitão-mor de Barcelos. Depois de 1834, e que se mudaram os nomes às coisas, chama-se-lhe 4ª divisão dilitar, e o General comandante reside em Braga, como mais central.

É e foi sempre esta freguesia do arcebispado de Braga e da comarca eclesiástica da mesma cidade, até 1834 era da visita da 3ª parte de [ilegível] e [ilegível] depois daquela época pertenceu ao arcebispado de Vila Nova Famalicão, enquanto a freguesia pertenceu ao julgado daquela vila, depois que mudou para Guimarães, e pertence ao arciprestado deste julgado.

Os impostos que paga à coroa, ou tesouro nacional, são décima, siza, subsídio literário, real da água, novos direitos das cavalgadas e criados, selo, transmissões de bens de raiz.



Eclesiásticos – direitos de estola do pároco, segundo o costume da freguesia a saber: os casados uma rasa de pão, digo, de milho miúdo, anualmente, e os solteiros e viúvos, meia, ao que chamam oblatas, vulgo ofertas; os lavradores de grandes propriedades, duas rasas de pão meado, e um almude de vinho de primeira, e os de propriedades menores, a metade daquela quantidade; de casamentos, uma galinha; de baptizados, idem, e um vintém de pão de trigo; de óbitos, os que em razão de seus bens são cabeceiras inteiras, duas rasas de pão meado, um almude de vinho, um carneiro, e um presunto de dez a doze arráteis, e mil e quinhentos réis de rasa anual. E os que são meias cabeceiras, pagam metade de tudo acima dito, mas como os abastados sempre acham o defunto pobre, são bem poucos os que pagam.

Municipais – variam segundo as câmaras, actualmente de indirectos não me consta senão de conto e vinte réis em cada pipa de vinho, que se vende; de directos, lançaram o ano passado a sexta parte da décima, porque a lei lhe não permitia mais; este ano não sei quanto lançarão.

**9º** Deste artigo nada há nesta freguesia, à excepção de um professor público de primeiras letras, que nela tem sua cadeira.

**10º** Não há pontes de pau, nem de pedra, porque não há rio que as necessite.

Estradas: há a que vem do Porto a Guimarães pela parte de Santa Ana no Rio Ave, e que dali se dirige de Poente a Nascente por esta freguesia, mas é pouco frequentada por haver outra mais pelo Norte, em linha mais recta, e caminho mais plano. Há também a estrada que corre de Norte a Sul de Braga para Penafiel mas também pouco frequentada, por estar em algumas partes obstruída, e ser melhor caminho o que vai mais pelo Nascente, e passa em Guimarães, ainda que em linha mais curva.

Não há bosques, matas ou pinhais, apenas alguns pedaços de terrenos, cercado de paredes, a que chamam bouças e são particulares, nestes se criam matas, carvalhos, e alguns castanheiros e pinheiros muito raros, mas os matos são roçados ordinariamente de dois em dois ou três anos para cultura das terras, e por isso se não fazem bosques.

Também não há serras que mereçam este nome: há alguns outeiros ou colinas de pouca altura e extensão: o que fica ao Poente é sobranceira à freguesia e denominada de Santa Luzia, por haver nela uma capela dedicada aquela santa. A que fica ao Nascente, é também sobranceira à freguesia, e chama-se o Monte da Senhora por haver no



mais alto dela uma capela dedicada à Virgem Maria: naquele sítio é o monte bastante elevado e dali se descobre o mar em distância de mais de cinco léguas, mas já aquele sítio não pertence a esta freguesia, que principia nas suas raízes, e corre para o Sul até onde o dito monte fenece, tendo várias casas pela ladeira dele.

A extensão do terreno cultivado não será muito inferior à do inculto, porque estende a freguesia; situada numa pequena ribeira, como fica dito, apenas tem as águas vertentes dos dois pequenos montes, e destas mesmas uma grande parte cultivada. Pela mesma razão não há abundância de vales, planícies, ou outeiros incultos, nem terras maninhas, cultivadas e incultas estas repartidas em donos particulares; quem as possui com o título de prazo, ou de cerro, e as disfrutam por si próprios, ou as trazem arrendadas, não há senhorios, ou donatários, a maior parte destas terras tem falta de matos, e de água de rega, e a lenha é muito pouca para a população.

**11º** Repito que não há rio, nem propriamente levadas, há apenas um pequeno regato, chamado das Torres, porque corre perto do lugar daquele nome; dele levantam as águas os moradores daquele lugar (e mais alguns) para limar, e regar as suas terras, e por esta razão no Estio vai quase seco, pois é preciso empoçar a água, e no Inverno terá apenas cinco palmos de largura, e quatro de profundidade, isto no fim da freguesia, a qual ele corre em todo seu comprimento, na distância de perto de meia légua, tendo a sua nascença no princípio dela como um pequeno rego de água, nele não há mais que um moinho que de Verão não mói, e fora dela há dois particulares de cubo, que moem com água de poças.

Azenhas nenhuma, fontes, bastantes, das quais uma grande parte seca no Estio, e nenhuma tem particularidades notáveis. Não há águas minerais, nem pauis, nem pântanos incultos, as terras próximas ao regato acima dito, algumas são bastantes pantanosas, mas todas se cultivam. Como não há rios, também não há cheias das águas deles, e somente as dos enxurros, como já se disse.

**12º** Os lavradores desta freguesia não sabem distinguir diferentes géneros de cultura, fazem o que viam fazer aos seus maiores, nem querem fazer experiências, julgam-nas todas feitas pelos que os precederam, e temem ver-se obrigados a retroceder, roteiam e cavam a terra, deitam-lhe a semente, tornam a abafar a terra, a seu tempo entresacham as ervas, que têm brotado com a semente (o que ordinariamente fazem por duas diferentes vezes, menos o centeio, que não é sachado algum) regam-no quando a terra



mostra ter sede (se tem água para isso) e a terra assim lhe produz os frutos.

Usam de arados grandes de rodinhas, e pequenos de mão, charruas e segas, enxadas, sachos e sacholas, gadanhos, forcados, foices, machados, e machadinhas, grade, para abafar a terra, ancinho, vulgo engaços, para a esfelgar. Não empregam na lavoura outros animais além dos bois e vacas. O estrume é o natural misturado com o artificial.

A constituição física do terreno é muito diversa segundo a diversidade dos lugares da freguesia: o terreno daqueles que ficam mais na encosta dos Montes, como são Monte, Assento, Costeira, Pereiras, Cimo da Vila e Penso, é seco, areento, e algum bastante saibroso, e pedregoso, e a sua cor esbranquiçada, o dos outros lugares mais fundos, e próximos do regato, é húmido, pouco areento, sem saibro, nem pedras, e a cor pela maior parte é loura, e este é o mais frutífero, e onde produzem melhor todos os géneros que aqui se costumam semear; algum é de uma cor escura, e não frutifica tão bem, e ainda menos o esbranquiçado e saibroso, que só produz centeio, painço, milho miúdo e feijões miúdos, porém nenhum é totalmente estéril.

Os que trabalham na lavoura a jornal, ganham ordinariamente no Outono e Inverno, a comida e sessenta réis em dinheiro, menos para vindimar, que querem oitenta, e se há chuva, cem e cento e vinte; nas outras estações, oitenta réis, mas para sachar, querem em alguns Estios mais húmidos um quarto de milho grosso, e para ceifar e malhar centeio, um quarto desta espécie, ou cento e vinte em dinheiro, porém como há jornaleiros mais e menos diligentes também algumas vezes o preço não é igual entre todos.

**13º** Não há feira alguma nesta freguesia.

**14º** Ofícios e empregos: sapateiros 4 § alfaiates 2 § ferreiros 2 § almocreves 3 § escrivães 2 – o do júri eleito, e o da paróquia e regedor § carpinteiros 12 § merceeiros 3 § barbeiros 3 § estanqueiros 2 § sacerdotes 2 – o pároco e outro § proprietário de bens de raiz 15 § caseiros dos mesmos 25 § tecelões 20 § pedreiros 2 § mineiros 1 § engenho de azeite 1.

Alguns destes oficiais tem dois ofícios, v.g. tecelão e barbeiro 4. Também muitos deles são proprietários de casa e horta, ou um pouco mais, e o número destes pequenos proprietários é de 30. O resto dos fogos é habitado por jornaleiros, ou inválidos, que pagam aluguer da casa em que habitam. Também não há fábrica alguma, e cada um destes muitos tecelões tece em sua casa.



**15º** Não há monumentos, antiguidades ou inscrições existentes, ou destruídas, ou algum letreiro na igreja e residência, abertos em pedra, que contam os legados, que instituiu o Abade que foi dela Adriano Fernandes de Almeida. O mais antigo é de 1614, e o mais moderno de 1646. Nada se pode averiguar do principio, ou origem desta freguesia, e presume-se que ela remonte a muitos séculos, ainda que o tombo que há dos bens da igreja é de trezentos anos, e talvez fosse este o primeiro que se fizesse, mas ele supõe a igreja e freguesia muito antecedente, e pode ser que até ali se teve perfeito, ou por incúria dos párocos, e autoridades, eclesiásticas, ou por reinar então mais a boa fé.

Usos e costumes – se por estes se quer entender os que tem os fregueses, no que pagam ao pároco, já fica respondido no artº 8, se porém entendem (como julgo), todos os usos e costumes gerais do povo, será difícil descrevê-los todos e só se poderá fazer alguma ideia deles à vista do que vou dizer das romarias, divertimentos favoritos, vícios, e virtudes dominantes.

Romarias na freguesia são somente duas (se assim se lhe pode chamar), dia de Páscoa à tarde e S. Bento na igreja e dia de Santa Luzia na sua capela. A estes concorrem alguns moradores da freguesia e outros das vizinhas mas talvez se não cheguem a reunir trezentas pessoas em nenhuma delas. Fora da igreja, digo da freguesia, e em distância de algumas léguas, a da Senhora da Abadia, nas Terras de Bouro a 10 de Agosto. Esta dura até ao dia 15, mas o povo desta terra volta no dia 12; a da Senhora Aparecida na freguesia de Sanfins do Torno a 14 e 15 de Agosto; a da Senhora do Porto, na freguesia de Taíde, concelho da Póvoa de Lanhoso a 7 e 8 de Setembro, a do Bom Jesus do Monte ao pé de Braga, dia do Espírito Santo e sua primeira oitava; a do Senhor dos Aflitos, na freguesia de Santiago da Cruz, em dia de Santiago Maior e sua véspera. A todas estas romarias concorrem alguns moradores desta freguesia, assim como à da Senhora do Monte, na freguesia de Serzedelo; em dia de S. João e da Ascensão, à de Santa Marta na freguesia de Moreira; no Domingo seguinte ao dia de Santiago, é a de S. Brás na freguesia de Vilarinho a 2 de Fevereiro, mas todas estas são nas freguesias vizinhas, e duram só um dia e tanto a estas, como às mais distantes, talvez não concorra a vigésima parte da população, contudo pode-se dizer que é este um dos divertimentos favoritos dos habitantes desta freguesia. O outro, das Rondas de S. Sebastião, isto é uma procissão com que cercam a freguesia levando em andor este santo, ainda que este acto seja muito religioso, na sua origem tem degenerado em divertimento, e não deixa



de ser bastante profanado; outro divertimento é o das esfolhadas, espadeladas e estopadas nocturnas, ao que concorrem bastantes pessoas novas de ambos os sexos, e não se conhece outro divertimento favorito; não há jogos de qualidade alguma, e os Domingos e dias santificados, depois de ouvir a missa (ao que raras vezes faltam), passam-nos os velhos menos escrupulosos trafegando sempre nos seus negócios e interesses e os mais escrupulosos numa triste ociosidade, os homens novos, procurando o belo sexo da mesma idade para se entreterem em conversação, que ordinariamente não têm as mais más consequências, e por isso também seus superiores as não acautelam muito disso. Os dias de trabalho são empregados todos nele (e às vezes parte das noites), pelos que se ocupam na lavoura, e mesmo nas artes são muito raros os preguiçosos nos seus ofícios, os que não têm, nem querem que os ocupe a jornal entretêm-se a procurar alguma esmola, e também o mal guardado, e em tudo não há neste freguesia, salteadores, ou ladrões famigerados, mas dos chamados ratoneiros, muitos, e a maior parte é por necessidade.

As mulheres que não vivem com lavradores, não sabem, nem têm outra ocupação, ou emprego mais que o da roca, e algumas delas nem este podem achar, e a parte do corpo que elas dão mais exercício é à língua, são geralmente pouco escrupulosas em mentir, de trair, e informar vivos e mortos, e os mesmos homens não deixam de ser sujeitos a este vício e ao das palavras obscenas, e bem se pode dizer que é este vício dominante da freguesia. Nos preceitos da igreja, isto é da missa, da confissão anual, e da abstinência da carne, são exactíssimos e geralmente trabalhadores, e pouco amigos de pleitos, e seja esta a virtude dominante da freguesia, pois nela não conheço outra; assim mesmo direi eu se não há virtudes heróicas, também não há vícios estrondosos se não são perfeitíssimos cristãos, também não são preversos, e facinorosos, e bem se pode dizer que são bons cidadãos.

Esta freguesia é pobre, ou antes pobríssima como se vê do número dos proprietários de bens de raiz, que se reduz a 15, e nem todos estes colhem pão para todo ano, a maior parte deles está empenhada e nenhum dos outros se pode chamar grande capitalista; os artistas nem sempre têm que fazer e talvez por esta razão é que a população não tenha aumentado muito, tendo crescido bastante o número de fogos; e este mesmo motivo atribuo-o a ficarem tantas mulheres sem casar, principalmente nesta freguesia não havia frades, e há um único clérigo, e ainda que os homens celibatários são menos



**casadesarmento**

centro de estudos do património

que as mulheres, contudo aparecem alguns de avançada idade, e este talvez, a razão por não ter meios de sustentar e arrumar família.

As doenças mais ordinárias nos homens, são a sarna, sezão, defluxos, constipações e pleuras; as pouco vulgares, são as venéras e as indigestões. Nos animais; no gado cavalari e mular é o mormo, dores de barriga e torcilhões, o mais ordinário: no gado vacum é a reira e gapeira, no laringero é a peleira, nos porcos é o ruivó, nos cães enquanto novos, a sarna e depois de velhos, a morrinha, nos gatos a tosse e nas aves o gogo. Como já disse que aqui não há mesinheiros, nem para a espécie humana, nem para os animais, também não há notícia de curativos notáveis, e isso de que usam, algumas vezes produzem efeito e outras não, o mesmo acontece na rigorosa medicina, ainda sendo os remédios bem aplicados, o que muitas vezes não acontece, e por isso os moradores desta freguesia não são amigos de fazer grandes despesas com ela; talvez que por esta razão é que a população vê sempre aumentando, ainda que morosamente pelos impedimentos já ditos. A estatura e força dos habitantes não é regular, há homens de sessenta e mais polegadas, mas poucos, e há outros de menos de cinquenta, e talvez em maior número, contudo o mais regular é de cinquenta e seis a cinquenta e oito polegadas; são geralmente forçosos, e ainda mais os baixos que os altos. A sua fisionomia em poucos é agradável, (ainda mesmo no belo sexo), geralmente falando, a cor é pouco clara, a boca grande, olhos encavados, dentes descompostos, narizes disformes, ou por grande ou por pequenos, cabelos nem bem pretos, nem bem louro, etc.. A duração da sua vida é ordinariamente de sessenta e tantos anos, são raros os que chegam a oitenta, e raríssimos os que passam daí acima; de cem anos não se consta um, nem há tradição de que em algum tempo aqui o houvesse.

Melhoramentos – em fábricas, e pontes nenhum se pode fazer, porque nem as há, nem o local é próprio para isso. Em engenhos também não, porque não há água para eles, o vapor, não é possível pela dificuldade da condução do carvão, o engenho de azeite que há, é tocado por gado, e por isso o interesse, que dá, não move a melhoramentos.

Nas estradas muitos melhoramentos se podiam e deviam fazer, mas isso seria necessário ser feito em ponto grande, e não nos limites de uma freguesia. É verdade que se em todas se fizessem, melhoradas ficavam todas, mas eu julgo isso impossível enquanto o zelo desnecessário foi cometido aos regedores, ou juizes eleitos, que todos tem testados, de que ordinariamente não cuidam e por isso não



podem zelar ao dos vizinhos, cuidam sim, mas é de alargar os seus terrenos, limpá-los das pedras, e águas no tempo das sementeiras, sempre com diminuição das estradas públicas e incómodo dos viandantes. As estradas do Minho estão quase intransitáveis, e para que elas experimentassem um grande melhoramento, bastava que se executassem as ordens, que há a este respeito, mas estas executam-se assim como outras muitas. Se as estradas, e outras obras públicas, de que o Reino tanto precisa fossem feitas, quer por conta do Governo, quer por empresas particulares, teria o povo em que se ocupar, os artistas mais que fazer, e o lavradores mais extracção aos seus géneros, e maior aumento o comércio, e se ao mesmo tempo as leis, e ordens da polícia se observassem, haveriam menos ociosos e mendigos, havendo trabalhos, em que os empregar: e então melhoramentos os costumes cuja corrupção não procede ordinariamente, se não da ociosidade e da indigência, e ainda mais da impunidade. E declaro que não sei indicar outro melhoramentos para as fábricas, engenhos, estradas, pontes, comércio e costumes.

Em edifícios públicos – como nesta freguesia não há senão o da igreja, e casa das confrarias, que serve também para a junta da paróquia, e estes se acham em menos mau estado, e aquela tem sido há poucos anos muito melhorada, só se poderia melhorar rebocando exteriormente as paredes dos lados, e interiormente, não enterrando nela nem um só defunto, o que reputo impossível à vista das preocupações dos povos.

Em edifícios particulares, muitos melhoramentos se poderiam fazer se seus donos tivessem vontade e meios para isso. Aqueles que podiam, não os têm feito pequenos há 50 anos a esta parte. Dos que não podem nada se pode esperar.

Em romarias não me ocorre melhoramento algum mais eficaz que possa indicar do que a sua extinção, máxima é daqueles a que concorre povo de muitas léguas, ainda que na opinião de alguém elas sirvam de civilizar a gente rústica, eu não vejo a civilização muito adiantada, nem que nelas se pratiquem menos desordens, ferimentos, assassinios, e roubos de que há 40 ou 50 anos se praticavam.

Em criações de gado e colmeias – é o terreno muito apertado para criações de gado, e apenas sustentado o vacuum necessário para a lavoura, e o cavalari e mular para montar e carregar. As colmeias não produzem bem nesta freguesia, ainda que algumas poucas há, outros as tem tido e lhe tem morrido todas: há muitos abegões, que as matam, e o terreno é muito aberto ao Norte, e por isso não sei que melhoramento se lhe possa dar.



Em agricultura, é os estragos das cheias – já fica dito que não há cheias que façam dano notável, em agricultura pouco se pode fazer, porque não há rio, de que se possam levantar águas a maior parte do terreno que tem alguma água de rega é de poças e minas, mas os montes abundam pouco dela; muito mais terreno se poderia cultivar nas ladeiras dos montes, mas ficariam as outras terras sem estrume, e produzindo menos em toda do que actualmente produzem, e os lavradores colhendo menos com dobrado trabalho, os animais sem pastos, e o povo sem lenhas. Também se poderia semear trigo em lugar de centeio, ou milho grosso, mas nenhum lavrador se anima a isso sem combinação com os outros, porque se arrisca a colher só a palha, e os pássaros a comer-lhe o grão. No sistema ou género da lavoura já disse que ninguém é capaz de os fazer mudar.

**16º** A igreja desta freguesia, se não é grande é contudo das maiores e mais asseadas da aldeia ou do campo; tem mais de cento e vinte palmos de comprimento e mais de trinta e um de largura, tudo livre de paredes. A sua fundação é imemorável, não há título algum de onde ela conste. A sua Invocação é a Senhora do Ó, ou da Expectação de Nossa Senhora de 18 de Dezembro, e geralmente se chama a igreja da freguesia de Santa Maria de Guardizela, não se sabe de onde derivaram este nome, que lhe puseram, e portanto ignora-se a sua etimologia. Não se sabe se em tempos muitos remotos ela seria fundada em lugar distante daquele, em que existe, mas sabe-se com certeza que em 1709 ela acabou de ser mudada do terreno, em que hoje está parte da residência do pároco, para aquele em que se acha, em distância do antigo cento e quatro palmos, e é quanto dista da residência, incluindo nela o adro e ainda hoje nas escavações se acham ossos, que foram enterrados antes da mudança. O motivo da mudança e reforma da igreja foi estar a arruinar-se e não caber nela todo o povo da freguesia, segundo consta dos capítulo de visita de 1689, e seguintes. Há muitos anos que tem sido sempre provida por renúncia, e na súplica à Sé Apostólica se dizia que: apresentação dela tinha alternativa a mitra de Braga, e os frades crúzios do convento de Landim. Ignoro ao certo a cõngrua taxada actualmente, porque a Junta do Arbitramento não pôs edital algum na porta da igreja a este respeito e eu recebo o rendimento do passal, e pé de altar, ou direitos da Estola, mas creio que não arbitraram mais de 200\$000, nem menos de 192\$000. No tempo dos dízimos bem rendia por um preço médio 700 a 800\$000. Já fica dito quanto dista a residência da igreja.

Indulgências ou Jubileus particulares só para os moradores desta freguesia, não acho breve ou bula alguma que lhos conceda. Legados



houveram muitos nesta igreja, mas quase todos estão extintos: Adriano Fernandes de Almeida, abade que foi desta freguesia há 200 anos, deixou várias medidas de pão e vinho e galinhas para se lhe dizerem três missas semanais às quartas, sextas e sábados, e mais três rezadas, e uma cantada em dia de S. Gonçalo, idem em dia de S. Bento, idem em dia de Santo António, mas porque não houve provisão régia, os caseiros se levantaram e não pagam as medidas, senão de duas leiras, que seu dono largou há muitos anos por não pagar a renda, e só se dizem as missas correspondentes àquele rendimento. Deixou mais sessenta medidas anuais para a fábrica da igreja, estas ainda se cobram por haver provisão régia, assim como mais três medidas para a fábrica da capela de Santa Luzia. O meu predecessor, José de Menezes Bernardes deixou para o Santíssimo Sacramento desta igreja três almudes de azeite anuais, que ainda se cobram.

Muitos moradores desta freguesia tinham capelas de missas, impostas nas suas propriedades, todas se aboliram em virtude da lei, que o facultava, à excepção de dois, um que tem obrigação de duas missas, e o outro três anuais, estes não se aproveitaram da lei.

Há também um legado de missas, por senhoras, nos Domingos e dias Santos, imposto na irmandade das Almas, que paga a esmola destas missas, e outra imposto na mesma irmandade com a obrigação de conservar no seu sino uma corda, que se comunica à igreja para de dentro dela picar o sino à missa nos dias de semana, quando ela se diz, ambos estes estão em vigor, assim como a obrigação que tem da mesma irmandade pelos seus Estatutos de fazer celebrar duas missas semanais por Irmãos vivos e defuntos, e três anuais por dois indivíduos que lhe deixaram certa quantia com esta obrigação.

E também a irmandade da Senhora do Rosário tem obrigação de uma missa semanal aos Sábados por Irmãos vivos e defuntos, tudo isto se cumpre rigorosamente. Ambas estas irmandades têm os altares desta igreja, privilégios perpetuamente para as missas que elas mandam celebrar pelos seus Irmãos defuntos: ambos os Breves foram concedidos pelo Santo Padre Bento 14 a 21 de Julho de 1751.

As duas irmandades acima ditas são as únicas que há nesta freguesia, a saber a irmandade de S. Miguel o Anjo das Almas, e a irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Os fundos destas irmandades consiste unicamente em dinheiro descontado, que anda a juros. O das Almas são dois contos oitocentos e cinquenta e oito mil setecentos e trinta réis. As pratas de serviço dela são um cálice, patena, colherinha, umas galhetas com seu prato, um turíbulo e naveta, uma caldeira e aspersório com sua taça, uma



coroa da Senhora da Lapa, que está no Altar da irmandade, e um resplendor da Imagem de S. Nicolau de Tolentino. Os Irmãos vivos actualmente são trinta e oito.

Os sufrágios por vivos e defuntos são os já acima ditos, e dois aniversários de dez padres cada um anualmente, e paga a irmandade a confessores para os Irmãos no 1º de Janeiro, 19 de Março e 10 de Setembro. Os sufrágios só pelos Irmãos defuntos são cem missas por cada um que falece. Os mesários são um juiz, um secretário, um promotor, um tesoureiro, um procurador geral, e três definidores; todos estes influem nos negócios da irmandade mais ou menos segundo os seus ofícios.

O fundo da irmandade da Senhora é um conto, cento e trinta e três mil e oitocentos réis; não tem pratas de serviço mais que duas coroas das Imagens da Senhora. O número de todos os Irmãos vivos é de sessenta e dois. Sufrágios por vivos e defuntos além da missa semanal acima dita tem um aniversário de dez padres anual, e confessores por os Irmãos a 15 de Agosto. Os sufrágios pelos que morrem, são cinquenta missas por cada um.

Os mesários – um juiz, um escrivão, um procurador, um tesoureiro, um procurador geral, dois definidores.

Sepulturas – há uma no corpo da igreja pegada ao arco cruzeiro, que é da Casa do Paço Meão da freguesia de Guardizela.

Painéis – são quatro, um da Senhora das Dores, outro da Senhora do Rosário, com o retrato de devoto a quem ela fez um milagre, outro da Senhora da Lapa, idem, outro com o retrato do Abade que instituiu os legados.

Altars – quatro o altar-mor com a imagem da padroeira no trono, aos lados da tribuna quatro imagens de S. Bento, Santa Escolástica, ambos em grande vulto – a do Menino Jesus e de S. João Baptista, ambas em pequeno vulto.

O altar colateral da parte do evangelho é da irmandade da Senhora do Rosário, e tem a sua imagem no lugar próprio em grande vulto, e aos pés dela a imagem de Santo António, e a um lado outra imagem da mesma Senhora em pequeno vulto. Ao lado deste altar, próximo a ele, estão as imagens da Sacra Família Nossa Senhora, Santa Ana, o Menino, e S. Joaquim.

O colateral da parte da Epístola pertencia ao Subsino. A imagem principal dele é o senhor crucificado em grande vulto e a um lado, mas dentro do retábulo, a imagem de S. Bento em pequeno vulto, e ao mesmo lado mas já fora do retábulo a Imagem de S. Sebastião em pequeno vulto.



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

O Altar da irmandade das Almas está deste mesmo lado, um pouco mais abaixo, o seu retábulo consiste em um belo painel das Almas no Purgatório e S. Miguel: tem do lado da Epístola a imagem de S. Nicolau de Tolentino, e do Evangelho a de S. Gregório, e no meio da banquetta a imagem da Senhora da Lapa.

Julgo ter respondido ao interrogatório, senão exactamente, ao menos tanto quanto cabia nas minhas diminutas forças. Talvez serei notado de moroso, extenso, ou minucioso, mas como responder em poucas palavras a um interrogatório tão complicado, que contém tantas perguntas, e que abrange tantas matérias fora do meu alcance, e impróprias do ofício e profissão. Eu julgo que o mesmo interrogatório e principalmente o seu último artigo, me justificará e purificará desta nota, e muito mais se se reflectir que sempre as respostas não podem ser tão lacónicas como as perguntas, e que em todas as matérias é mais fácil o perguntar que o responder. Nas minhas respostas fiz por averiguar e descobrir a verdade mas não posso lisonjear, e muito menos jurar *in verbo sacerdotis* que em muitas coisas eu as atingisse.

Santa Maria de Guardizela, 27 de Maio de 1842

O abade Antonio Joze de Magalhães e Mendes



**casadesarmento**

centro de estudos do património

MAPA ESTADÍSTICO Serra Mar de Conde		Agente																																					
		Alameda			Monsa			Bereira			Tavares			Cedães			Comana			Pocinho			Eilanda			Gereira			Candela Vila			Nogueira							
		1970	1980	1990	2000	2010	1970	1980	1990	2000	2010	1970	1980	1990	2000	2010	1970	1980	1990	2000	2010	1970	1980	1990	2000	2010	1970	1980	1990	2000	2010	1970	1980	1990	2000	2010			
Cidades	Alameda	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
	Monsa	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
Vilas	Bereira	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	Tavares	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
Municípios	Cedães	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
	Comana	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
Concelhos	Pocinho	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
	Eilanda	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
Comarcas	Gereira	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	Candela Vila	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Região	Nogueira	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	Serra Mar de Conde	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1

Baixa Municipal de Conde, 27 de Maio de 1962  
O Alcaide Municipal José de Guadalupe e Sáez